

conteúdo ideológico e quase sempre limitado a uma representação verista da realidade exterior.

Como se pode deduzir do que ficou exposto, encontramos-nos perante uma obra com amplos motivos de interesse, reunindo colaborações de especialistas portugueses e franceses da temática naturalista. Não cobre, evidentemente, todas as áreas possíveis, não vai além do universo linguístico luso-francês e centra-se, talvez em demasia, na produção escrita de dois autores Émile Zola e Eça de Queirós (o criador do movimento e o primeiro escritor naturalista português), que são, sem dúvida, referência fundamentais, mas cujo estudo é insuficiente para dar uma ideia da difusão de um paradigma estético que foi dominante na Europa durante a década de 80 do século XIX. Sentimos, sobretudo, a ausência de textos sobre Flaubert, o verdadeiro criador do modelo narrativo em que assentou o Naturalismo, o mestre incontestado de Zola, de Eça, de Clarín, de Verga, de Maupassant.

Gostaríamos também de encontrar no volume uma visão mais alargada do Naturalismo português, que não se limita a Eça e que constitui inclusivamente um caso especial quanto à difusão do Naturalismo zoliano além-fronteiras. *O crime do Padre Amaro* não só constitui o primeiro exemplo de um romance naturalista publicado fora de França, como as obras que imediatamente lhe sucederam, nomeadamente *Amor divino (Estudo patológico duma santa)*, *Os noivos*, *Margarida* ou o *Eusé-*

*bio Macário*, apesar do caráter paródico desta obra camiliana, demonstram que a estética naturalista tinha ganhado já uma enorme notoriedade em Portugal quando noutros países europeus (em Espanha, por exemplo) não tinha sequer começado a ser discutida na imprensa.

António Apolinário Lourenço

**RETRATOS PARA A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA PROSA DE JOSÉ SARAMAGO**  
**PEDRO FERNANDES OLIVEIRA NETO**

Curitiba: Appris, 2012

280 páginas, ISBN: 9788581920306

A escrita ensaística de Pedro Fernandes de Oliveira Neto é académica e sensível na medida necessária para quem aborda a obra saramaguiana. *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (2012) é um livro que resulta não apenas da sua pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mas de uma investigação iniciada ainda antes, no trabalho final da graduação. O resultado desse estudo é, segundo afirma o próprio autor, “a constatação de que o escritor [Saramago] propõe uma resignificação do feminino e para isso produz múltiplos deslocamentos de identidades de suas personagens – apresentando-as ora como mulheres à frente de seu tempo (no caso específico das protagonistas), ora como mulheres

localizadas em seus próprios universos” (p.17).

Tarefa árdua, visto que a galeria de personagens femininas em José Saramago é tão variada quanto complexa, tanto a nível psicológico quanto filosófico. Estruturalmente, o ensaio está organizado em três partes: *A personagem e seu enfoque na obra de José Saramago* (p. 35), *Entre feminino e identidade na obra de José Saramago* (p. 91) e *O feminino em Memorial do convento e Ensaio sobre a Cegueira* (p. 135).

O movimento da escrita de Pedro Fernandes é preparatório no sentido de aliciar os seus leitores, para culminar na discussão iniciada no prefácio, mas que tem seu ápice no quarto capítulo, no qual o autor se debruça sobre as personagens dos dois romances tomados como obras balizadoras dessa reflexão; sem, no entanto, deixar de refletir, entre as páginas 35 e 90 sobre as várias outras personagens femininas da obra do escritor português. Neste sentido, o autor trabalha a personagem saramaguiana de um modo geral, mas também se encaminha para a especificidade das personagens femininas dos outros romances de Saramago, como se todos eles fossem também objetos de estudo do seu livro. Reveste-se de argumentos de autoridade fornecidos pela teoria literária para afirmar que “o papel que a personagem feminina ocupa no romance de José Saramago [...] assinala que o perfil arquitetônico desses sujeitos ficcionais – construídos nos interstícios dos paradigmas – são

elementos necessários para a reflexão acerca dos redimensionamentos identitários porque são guiados” (p. 90). Reflexão que reescreve o sujeito feminino como agente de um discurso questionador ou uma posição diferente daquela instaurada pelos discursos normativos de índole patriarcal, assentes e combatidos pelos estudos de cunho feminista.

Isso tudo acontece porque a mulher tem alto valor na obra de José Saramago. Ainda que não lesse nenhum de seus romances, o leitor que tivesse minimamente uma leitura do conto *Viagem à ilha desconhecida* saberia dessa marca. É a mulher da limpeza que possibilita ao homem que foi pedir o barco que ele encontre seu caminho, que se encontre a si mesmo. Relembremos também que ao se desprender da Europa, a Península Ibérica, que sai como uma jangada ao mar, leva duas mulheres e três homens. Destas cinco figuras ibéricas, apreende-se o mito do repovoamento, a partir dos ventres de Joana Carda e de Maria Guarvaíra, fecundados possivelmente por Pedro Orce, ou por seus parceiros, o que nos remete para a figura da mulher como geradora de novas vidas, daquela terra que se desprende e se faz jangada ao mar, uma nova Ibéria que poderá surgir.

Lembramos ainda que n’*A jangada de Pedra* está o “mote” da ilha desconhecida: “diga-me você se sabe doutro país onde pudesse ter acontecido uma história como esta. E o fidalgo, que fez o fidalgo, foi-se ao mar à procura dela,

gostaria bem que me dissessem como se pode encontrar uma ilha imaginária” (p. 61).

Respalhada sobremaneira pela discussão dos conceitos de feminino e de identidade, a reflexão instaurada ao longo de todo o ensaio nos leva a mergulhar e a refletir sobre as questões do sujeito como indivíduo sócio-histórico, sobre a materialidade constitutiva da individualidade e sobre o feminino que, na maioria das vezes, faz a voz de agente condutor desses questionamentos. Como bem observa Fernandes (2012), às mulheres, Saramago atribui o “trabalho do reordenamento; trabalho de revisão e intercâmbio de modos outros de fazer-se sujeito; trabalho de redireccionamento das verdades preestabelecidas” (p. 112). Por isso é que Blimunda é uma personagem que subverte a ordem, tanto social como religiosa, invertendo assim a própria narrativa em sua condição de *persona*. Todo o destaque que poderia ser dado à personagem da rainha D. Maria Ana é voltado para Blimunda. Ela, assim como a mulher do médico, é a que possui o dom de ver: “não o de olhar, que esse pouco é que o fazem os que olhos tendo, são outra qualidade de cegos” (SARAMAGO, p. 79).

A partir dessa fala do narrador de *Memorial do Convento*, constatamos quão acertada foi a escolha feita por Pedro F. de Oliveira Neto, por nos apercebermos que o ensaísta seguiu a trilha inscrita nas entrelinhas da própria escrita ficcional de Saramago. Não

por acaso, o romancista reconhece em *Ensaio sobre a Cegueira* o mesmo “ver que não é olhar”, mencionado muito antes no *Memorial do Convento*. Portanto, as duas personagens, Blimunda e a Mulher do médico, são os dois lados da moeda simbolicamente feminina, quando Saramago se refere a ver e não apenas a olhar. Ver seria olhar com consciência de apreender, de aprender para a sabedoria. Figurativamente, Blimunda é um lado da moeda, porque ver o que está dentro de cada ser e de cada coisa e conecta estas visões com o que está fora, ao seu redor. A mulher do médico é o outro lado da mesma moeda, a que vê o que está de fora, e relaciona essa percepção com o estado psicológico pelo qual estão passando outras personagens do romance, ou seja, estabelece as relações entre contexto, subjetividade, coletividade e individualidade. Dois perfis femininos que se completam em relação à forma saramaguiana de olhar e ver, sendo, portanto, balizadoras da sua obra.

Entretanto, indo além da sua proposta de construção dos retratos, o ensaísta não se detém apenas na análise das protagonistas, conferindo ainda atenção a outras personagens femininas dos dois romances, para no-las apresentar como sujeitos de linguagem com a possibilidade de “irem além da alienação, condição favorável, aliás, não só das mulheres, mas de todos os sujeitos de linguagem, reside na capacidade que tais sujeitos têm de se reinventarem, de se ressignificarem

discursivamente na ordem vazia dos seus universos” (p. 258).

O verbo ressignificar é notoriamente uma palavra muito utilizada nestes retratos ensaiados por Pedro Fernandes. Isso que nos leva a constatar que seu olhar captou uma visão saramaguiana da figura feminina como uma ressignificação – não há como fugir ao uso deste termo –, isto significa que viu na personagem feminina um lugar muito maior do que aquele que lhe é atribuído pela ficção de cunho patriarcal. O tratamento das personagens reveste-se de elementos aglutinadores, de microsignificados outros, pois Blimunda, a Mulher do médico, assim como a mulher da limpeza, são signos de mulheres-guia, mulheres que vencem a cegueira. É como se nós, leitores, pudéssemos dizer, ao acabar de ler os romances em que elas se encontram: “parem com estas querelas; ninguém é superior ou inferior pelo gênero que carrega, pelo sexo com o que nasceu. A condição de seres humanos deve ser suficiente para promover o respeito.

Por tudo isso, do livro *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* fica-nos o painel complexo dessas mulheres, tanto as protagonistas quanto as outras personagens, que “Juntas, inauguram uma nova postura identitária para si e para os outros” (p. 252). Mas, este painel só se tornou possível porque Pedro Fernandes soube entrelaçar o seu discurso ensaístico com as teorias necessárias para deixar ao seu leitor os nítidos retratos das per-

sonagens femininas que redesenhou a partir da prosa daquele homem, sujeito de linguagem, filosofias e quebras de paradigmas que Portugal lançou ao mundo: ele próprio uma jangada de ideias ibéricas.

*Aldinida Medeiros*

#### **LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA**

**M. A. DALVI, N. L. DE REZENDE**

**e R. JOVER-FALEIROS (orgs.)**

**São Paulo: Parábola, 2013**

**168 páginas, ISBN: 9788579340642**

A problemática da leitura literária é abordada, neste volume marcante, com um contributo especializado sobre questões fundamentais que se colocam, hoje, sobre a presença da literatura na escola contemporânea, designadamente as práticas de leitura, as suas metodologias, finalidades, sucessos e lacunas.

Tendo em conta as mudanças que se verificam na sociedade e que impendem sobre a cultura e a educação, os autores, militantes no terreno da formação do leitor, responderam ao desafio que lhes fora endereçado pelas organizadoras (também autoras) do volume a partir das seguintes questões: *O que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura? O que se ensinaria se de facto se “ensinasse literatura”? Qual o papel da literatura na educação e, particularmente, na escola? O que sabemos, podemos e queremos em relação às práticas atinentes à literatura? Que mudanças são necessárias?*